

# A internet na perspectiva de outra comunicação

Sabrina Areias Teixeira<sup>1</sup>  
Gisele Siqueira Gonçalves<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo incitar a reflexão da internet como outra forma de comunicação a partir do caráter interativo dessa mídia, da sua disponibilização de conteúdo educativo e possibilidade de existência de emissores como receptores. Para isso, serão apresentadas as ideias de alguns teóricos da comunicação, principalmente a discussão das doutrinas de

informação de Linda Bulik (1990) e as diretrizes do relatório MacBride (1980). No campo desse debate será demonstrada a internet como uma possibilidade de liberdade e interação de conteúdos, mas ao mesmo tempo limitada pelos entraves socioculturais do usuário no meio virtual, sendo indicado também como é possível utilizar esse meio de comunicação em benefício da cidadania.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação. Interação. Internet.

## I. INTRODUÇÃO

Antes de entrarmos no campo de uma discussão que visa a verificar se a internet propicia o desenvolvimento de uma nova forma de comunicação, é necessário primeiramente contextualizar o cenário vigente onde os meios de comunicação se estabelecem, apresentando os princípios que regem a informação, o que é propriamente uma nova comunicação e que elementos estão por trás dela.

Como é sabido, os meios de comunicação estão atrelados aos monopólios, e essa é uma situação que se estabelece historicamente, sendo apontada por Linda Bulik (1990). Segundo a autora, a informação ao longo da história foi regida por doutrinas. A primeira delas é a autoritária, nessa doutrina a informação estava relacionada ao poder na medida em que contribuía para a manutenção do Estado, e por isso as publicações contrárias ao regime do governo eram vetadas.

Contrapondo-se a essa doutrina rígida, surge a liberal que, como o próprio nome já diz, prega a liberdade de expressão como instrumento de luta do cidadão.

<sup>1</sup> Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela UFV, atuou como bolsista de iniciação científica pela FAPEMIG. Email: [sabrinaareias@yahoo.com.br](mailto:sabrinaareias@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela UFV, mestranda em Estudos Linguísticos, na linha da Análise do Discurso pela UFV. Email: [giseleufv@gmail.com](mailto:giseleufv@gmail.com)

A partir desse princípio outras doutrinas irão surgir tendo a mesma base, são elas: a da responsabilidade social, a marxista-leninista e a do outro desenvolvimento.

Em suma, essas doutrinas posteriores complementam a liberal e também discutem princípios que devem reger a informação, dentre os quais devemos destacar o caráter da mídia como responsabilidade social, isto é, promover práticas éticas e positivas para a sociedade em geral e a democratização do acesso à informação, retirando seu caráter de propriedade.

Os princípios de novos modelos de informação também são apontados por Bulik (1990) e deveriam se estruturar por meio de três conceitos presentes no Relatório MacBride, publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1980. São eles: a percepção da comunicação como um direito social, o entendimento dos meios de comunicação como elementos importantes para o processo educativo e a real participação do receptor no processo de comunicação. Mas será que esses conceitos estão presentes na configuração atual da mídia?

## 2. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA ATUALIDADE

Ao observarmos a configuração da mídia na atualidade, é possível perceber que os três conceitos apontados no relatório MacBride não regem ainda os modelos de comunicação. Primeiramente, a comunicação ainda não é associada à função social, embora isso seja frisado em slogans das mídias que dizem se preocupar com o seu público. Na verdade, na maioria das vezes esse público só é visto na lógica do mercado, ou seja, não será passado na mídia aquilo que ele realmente quer ver, mas sim o que é conveniente e lucrativo, afinal os meios de comunicação se estabelecem como empresas.

Como aponta Ignácio Ramonet (2003), na atualidade, a informação se contaminou pelo contato com as esferas da publicidade e da cultura de massa, passando a ser considerada uma mercadoria que tem o intuito de lucrar e não informar e educar o cidadão. Dessa forma, ao se deter no aspecto de mercadoria da informação já apontado na doutrina marxista da informação, o sonho de transformar os meios de comunicação em propriedade social sucumbe.

Oswaldo Léon (2003) reafirma essa colocação de Ramonet e acrescenta que como os critérios de rentabilidade estão acima dos critérios públicos, institui-se o modelo em que o consumidor reina sobre o cidadão. Assim, o futuro, que nós já consideramos presente, reserva uma informação gratuita, espetacularizada e banal para a massa e uma informação de qualidade para os donos do capital.

Essa informação banal e mais quantitativa do que qualitativa é apontada por Martin-Barbero (1997). O autor, partindo das ideias de Baudrillard, afirma o fato da mensagem difundida pelos meios de comunicação devorar o real e, ao contrário do que se deveria buscar, essa informação ao invés de resultar na liberação de energia por parte da *massa*, acaba produzindo mais massa.

Na configuração dos meios de comunicação na atualidade, nota-se que não há, ainda, a presença maciça de uma informação que contribua para o processo

de crescimento intelectual daqueles que a acessam, e as que contribuem na maioria das vezes não são acessíveis.

Na televisão, por exemplo, os programas considerados educativos no canal aberto são transmitidos nos horários com menor audiência. Portanto, a população que mais necessita da informação acaba sendo excluída dela, pois somente conseguirão ter acesso às mensagens educativas aqueles que têm TV por assinatura.

Além dessas duas premissas, a função social e educativa da mídia, a participação do receptor como emissor também não foi efetivada. No que diz respeito a esse problema, só é possível encontrar falsas interatividades em programas de televisão e rádio, por exemplo, que solicitam aos espectadores o envio de sugestões de reportagens ou vídeos, mas essas práticas são esporádicas e não podemos considerar que elas transformem realmente de forma contínua o receptor em emissor.

Dessa forma, observando a falta dos conceitos levantados para outra comunicação na mídia atual, podemos constatar que assim como o proletariado na doutrina marxista não conseguiu ter amplo acesso aos meios de comunicação, hoje os grupos minoritários também não conseguem tal proeza. Diante dessa situação, como propor uma nova comunicação?

Para Bulik (1990), a doutrina de outro desenvolvimento da informação deve se centrar na transformação social:

O tipo de informação necessária ao Terceiro Mundo é a que liberta e se engaja na luta contra o autoritarismo e a opressão, o analfabetismo e o semianalfabetismo, o preconceito e a alienação (...). Em suma, a informação vislumbrada aqui é a que desperta o espírito crítico e revela uma autêntica transformação social. (BULIK, 1990, p. 157)

A autora ainda salienta que enquanto não estiver claro como transformar os receptores em usuários e emissores não será possível vislumbrar uma verdadeira comunicação.

Nesse aspecto, podemos observar que o principal meio onde seria possível estabelecer a educação e a transformação de receptores em emissores é o meio virtual, tendo em vista que a informação educativa pode ser buscada a qualquer momento e não em horários estabelecidos como ocorre em programas radiofônicos e televisivos. Conhecimentos gerais, acesso a artigos, informações desvinculadas do compromisso mercadológico estão na rede, basta acessá-los.

O ambiente virtual também prega que as fronteiras foram rompidas e que hoje todos podem ser emissores. Basta ter um blog e de mero receptor passivo há a transformação em um emissor que terá sua informação difundida e acessada por outros receptores, que por sua vez também podem ser emissores. A partir desse processo virtual, já estaríamos cumprindo os dois últimos conceitos do relatório MacBride. Então, através da internet já vivenciamos um novo modelo de informação, outra comunicação?

### **3. INTERNET: A LIBERDADE COMO POSSIBILIDADE DE INTERAÇÃO E TROCA DE CONTEÚDO**

Podemos considerar a internet a força que revolucionou o processo comunicativo e a interação promovida por ele. Devido à sua informalidade e virtualização, essa mídia potencializa novas possibilidades em que qualquer um pode criar seu conteúdo para utilização de outras pessoas. Dessa forma, os leitores podem também atuar como redatores e editores, postando suas contribuições, criticando ou corrigindo textos publicados, de forma a constituir o espaço virtual como um espaço público. Essa possibilidade de interação também é estendida a outras mídias que encontram na internet espaço colaborativo para expor suas divulgações:

A internet está revolucionando a comunicação por sua capacidade de fazer os grandes meios de comunicação entrar em curto-circuito. O fato de ser uma comunicação horizontal, de cidadão a cidadão, significa que eu posso criar meu próprio sistema de comunicação na internet, posso dizer o que quiser, posso comunicá-lo. (CASTELLS, 2003, p. 285)

Assim a internet, ao ocasionar o “curto-circuito” dos grandes meios de comunicação, apresenta-se como um suporte para liberdade de expressão, já buscada nas doutrinas da informação, propiciando que as pessoas pelas formas de ação ampliem formas de comunicação interativa.

Ainda de acordo com Castells (2001), a cultura da internet é a cultura de seus próprios criadores, ou seja, a mídia se estabelece como lugar aberto para o reflexo de aspirações e ideias dos próprios usuários que utilizam o meio em suas relações cotidianas. Essa cultura que a internet assume também pode ser conhecida como ciberespaço:

No ciberespaço, em troca, cada um é potencialmente emissor e receptor num espaço qualitativamente diferenciado, não fixo, disposto pelos participantes, explorável. Aqui, não é principalmente por seu nome, sua posição geográfica ou social que as pessoas se encontram, mas segundo centros de interesses, numa paisagem comum do sentido ou do saber. (LÉVY, 2003, p. 113).

Como podemos observar, o que a cultura do meio virtual propõe é a oportunidade de a criatividade intelectual proclamar-se fundamentada na liberdade. Assim, é possível notar a diferença da internet em relação aos outros meios de comunicação.

De acordo com Carlos Afonso (2000), outras mídias como televisão, rádio e telefonia necessitam de investimentos em recursos humanos para o fornecimento de seus serviços e muitas vezes de concessões que são controladas pelo governo. O mesmo não ocorre na mídia virtual, pois a forma de aquisição e divulgação de informações pode ser obtida apenas pela conexão de um micro-computador à rede.

Além disso, Dênis de Moraes (1997) afirma que a internet pode ser assemelhada a um corredor com muitas portas onde se pode optar por uma, ou

várias e, se ao abrir não houver satisfação, há a oportunidade de sair em segundos. É o poder de escolha que a realidade virtual proporciona aos seus usuários. Nesse caso, as portas são entendidas como as diferentes páginas da internet pelas quais os internautas navegam.

No entanto, a relação homem *versus* meio virtual não é tão simples quanto parece. Apesar de todo aparato técnico, essa interação e troca de conteúdo na internet podem não se consolidar pelos mesmos objetivos com que se estabeleceram.

Retomando a Castells (1997), é possível verificar que a internet cria um mundo dividido entre os que a têm e os que não a têm. Mesmo aqueles que começam a acessá-la não conseguem utilizar todas as qualidades que o meio oferece, pois, além da conectividade técnica, outro elemento aparece, trata-se da capacidade educativa e cultural para utilizar a internet.

### **3.1 INTERNET: ENTRAVES SOCIOCULTURAIS DO USUÁRIO NA COMUNICAÇÃO**

Desde sua criação, a internet se destacou como a promissora entre as mídias. A veiculação de suas mensagens em tempo real contribuiu ainda mais para a legitimidade da rede. Devido à intensidade de conteúdos veiculados, a internet pode ser considerada uma poderosa fonte de informações e pesquisas para os receptores.

Contudo, a internet não é acessível a todos, assim como ocorre com outros meios de comunicação, mas no caso do meio virtual esse número é exorbitante visto o custo para se obter tal acesso. Isso está diretamente relacionado às diferenças entre as classes sociais e as políticas educativas existentes em nosso país.

Martin-Barbero (2003) fala sobre esse processo de exclusão desencadeado pelas tecnologias de globalização em que os filhos das classes altas conseguem interagir e ter acesso ao processo de comunicação virtual. Já os pertencentes às camadas populares na maioria das vezes não conseguem tal oportunidade, pois a escola que seria o local mais propício para o contato com essa nova forma de conhecimento não oferece um ambiente informático. Assim, esses alunos continuarão sendo excluídos da sociedade onde a cultura tecnológica impera, por isso é preciso atentar para “a importância estratégica que assume uma escola capaz, hoje, de um uso criativo e crítico dos meios audiovisuais e das tecnologias informáticas.” (MARTIN-BARBERO, 2003, p.62)

Para Carlos Afonso (2000), é preciso notar quem lucra com essa nova sociedade do conhecimento e como ela acaba propagando a desigualdade social, já que os benefícios que a internet deveria produzir, na condição de meio aberto à comunidade, não são efetivamente cumpridos.

Por outro lado, normalmente, mesmo quem pode ter acesso aos benefícios da internet não sabe utilizá-los. Observando que os conteúdos ficam expostos na rede como produtos a serem consumidos e dependem do discernimento do receptor para captar a mensagem, podemos propor que a descentralização oferecida pela internet nem sempre é de interesse de seus usuários, ou que eles ainda não estão culturalmente preparados para se apropriar dos conteúdos, acessando

somente sites que a princípio lhes são atraentes. Isso pode ser explicado pelo sucesso dos sites de relacionamento como o Orkut e o MicroSoft Network (MSN). Nesse sentido, ao não selecionar a informação, o usuário acaba se afogando nela.

Moran (2009) explica que na internet “as imagens animadas exercem um fascínio semelhante às do cinema, vídeo e televisão. Os lugares menos atraentes visualmente costumam ser deixados em segundo plano, o que acarreta, às vezes, perda de informações de grande valor”. Já Castells (2001) propõe que o conhecimento humano seja codificado antes de entrar em contato com a rede:

Uma vez que toda a informação está na rede – ou seja, o conhecimento codificado, mas não aquele de que se necessita - trata-se antes de saber onde está a informação, como buscá-la, como transformá-la em conhecimento específico para fazer aquilo que se quer fazer.” (CASTELLS, 2001, p.267).

Dessa forma, a internet como fonte de informação nem sempre consegue efetivar sua comunicação, pois os próprios receptores não assumem o papel que lhes cabe. É o que Hall (1980) chama de falta de equivalências entre as partes envolvidas no processo comunicativo. Segundo o autor, para que a mensagem possa ter um efeito ela deve ser apropriada como um discurso significativo, pois só assim posteriormente essa mensagem será significativamente decodificada resultando em práticas sociais. A simetria em um processo comunicativo só ocorre quando há equivalência entre o codificador e decodificador, isto é, quando há adequação entre os códigos e semelhanças de relação e posição entre fonte e receptor.

Sendo assim, pode-se afirmar então que o canal de comunicação virtual, com todas as suas qualidades, apresenta pontos negativos no que se refere à possibilidade de uma nova forma de comunicação, pois as mensagens emitidas não são acompanhadas de uma significação e prática social por parte dos receptores. Mas o que fazer para mudar essa situação?

#### 4. POSSÍVEIS CAMINHOS

Devido às questões culturais, a maior parte das pessoas não está apta para se apropriar da internet da melhor forma, mas isso pode ser solucionado através, é claro, das iniciativas governamentais e do estabelecimento das tão proclamadas políticas públicas. Contudo, apenas apontar o dever do Estado é cômodo. Políticas públicas são necessárias, mas são o primeiro passo do processo. Não basta restringir-se na permissão da democratização do acesso, é necessário também pensar em formas de mudança cultural das pessoas no que tange à utilização da internet. O acesso universal requer, além dos aspectos infraestruturais, a capacitação dos usuários para o aproveitamento de todas as vantagens informativas do meio virtual.

Devem ser elaboradas, como aponta Carlos Afonso (2000), estratégias que permitam a *inforclusão* e busquem disseminar o acesso a atores sociais que podem efetivamente agir como multiplicadores, de modo que um crescente número de pessoas de cada comunidade acabe recebendo os benefícios dessa disseminação, mesmo

que muitas delas nunca cheguem a usar um computador. Para exemplificar, o autor expõe o fato de que se os camponeses de uma determinada localidade não podem ter acesso individual à internet, seus sindicatos rurais poderiam estar conectados, e se uma comunidade periférica não tem recursos para o acesso individual, um telecentro<sup>3</sup> sediado em uma organização local pode servir de ponto de entrada e capacitação.

É justamente nessa questão que entra o comunicador, auxiliando na percepção de estratégias para possibilitar que mais pessoas possam tornar-se capacitadas para utilizar a internet de forma positiva.

Segundo Martin-Barbero (2003), a comunicação tem o papel de desempenhar a estruturação do processo cultural de uma determinada sociedade, na medida em que possibilita não só um acesso vasto a essa informação, mas sua apropriação, resultando na ativação cultural dessa comunidade. Nesse tipo de comunicação, o comunicador deve se posicionar como um mediador (e não um simples intermediário, como até então costuma ser designado) que tornará explícita a desigualdade cultural e social e trabalhará para fazer possível “uma comunicação que diminua o espaço das exclusões, aumentando mais o número de emissores e criadores do que o de meros consumidores” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 69).

Esse papel do mediador, como explica Delma Neves (2008), está relacionado ao fato de que em sociedades complexas sempre irão coexistir fronteiras e contraposições, como, por exemplo, entre o saber popular e o erudito, o público e o privado, o local e o internacional, cabendo ao mediador trabalhar com a interconexão dessas diferenças. Além disso, os mediadores técnicos e profissionais “escutam demandas, apoiam-nas, legitimam-nas ou as condenam. Operam na construção de novos tipos de usuários e beneficiários, alçados à condição de mediados” (NEVES, 2008, p. 30).

A partir dessa definição de Neves (2008), podemos pensar numa forma de contribuir para a interconexão do tradicional e do moderno – já que a internet é ainda vista como um monstro, algo inatingível para os provenientes de comunidades tradicionais – em que os comunicadores na sua função de mediadores sociais podem operar na construção de novos receptores para a informação. O primeiro passo é ouvir essas pessoas que estão excluídas do ambiente virtual e mostrar novos caminhos para a sua utilização.

Uma iniciativa é viabilizar oficinas em comunidades que já possuem telecentro. Essas oficinas se diferenciariam do que até então é comumente feito nesses telecentros, isto é, são dados alguns cursos que ensinam a utilizar as principais ferramentas existentes no computador, mas não são demonstrados os benefícios da internet no que tange à possibilidade de se informar e ao mesmo tempo servir de fonte de informação. É necessário indicar sites nos quais as pessoas poderão buscar conhecimento e demonstrar que elas podem expressar suas opiniões e apresentar sua comunidade por meio dos blogs, tornando-se emissores.

---

<sup>3</sup> Telecentro é um espaço para uso coletivo de recursos de acesso à Internet. O termo foi utilizado primeiramente como uma solução de conectividade e de capacitação do Canadá ao Camboja.

Assim, o processo de mediação, que propicie uma educação virtual, é o melhor caminho para conseguir com que mais pessoas possam usufruir realmente da internet e transformar-se em emissoras.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi demonstrado, a internet é o meio de comunicação que apresenta o aparato técnico para o estabelecimento de outra comunicação. Contudo, essa mídia ainda não configura realmente uma nova forma de comunicação no sentido que discutimos aqui, tendo em vista que há os mesmos entraves presentes nos processos históricos das doutrinas que já regeram e ainda regem a comunicação.

Esses entraves podem ser vistos como políticos, no que tange à democratização do acesso; econômico-sociais, pois muitas pessoas estão excluídas do processo de inserção no meio virtual; e culturais, isto é, a falta de informação da sociedade, que leva à utilização ainda ineficaz da internet.

Mesmo diante dessa realidade, podemos considerar a internet sim como mídia colaborativa e difusora da comunicação, mas devemos atentar para a exclusão tanto técnica quanto cultural que ela faz. O que não quer dizer que o processo de comunicação promovido pela internet não esteja consolidado e que suas características atrativas sejam somente usadas para lazer dos usuários. Existe de fato um espaço favorável e livre para a interação do conhecimento, mas que precisa ser trabalhado em função do que é cultural e do que é educativo, respeitando a realidade de quem a utiliza. Assim, podemos assemelhar o meio virtual a uma casa; o que acontece dentro dela dependendo das ações de seus moradores.

O que se deve transformar é o interesse de quem acessa a rede, ou seja, o próprio internauta, na condição de emissor e receptor dos conteúdos da internet, deve seguir novos caminhos e descobrir novas formas de comunicação que contribuam para a o fortalecimento de sua cidadania.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Carlos A. *Internet no Brasil: o acesso para todos é possível?* Disponível em <<http://www.idrc.ca/uploads/userS/10245206800panlacafoant.pdf>>. Acesso em 4 jun. 2009
- BULIK, Linda. *Doutrinas da informação no mundo de hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação – Mídia, mundialização cultura e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001
- HALL, Stuart. *Codificação/Decodificação. Cultura, Mídia, Linguagem*. Londres: Hutchinson, 1980.
- LEÓN, Osvaldo. Para uma agenda social em comunicação. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultura e poder*. Rio

- de Janeiro: Record, 2003. p. 401- 414.
- LÉVY, Pierre. A virtualização da Inteligência e a constituição do sujeito. In: *O que é virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- \_\_\_\_\_. As Tecnologias da Inteligência. In: LÉVY, Pierre. *Os três tempos do espírito: A oralidade primária, a escrita e a informática*. Rio de Janeiro: Editora 34. p.75-132.
- MARTIN-BARBERO, Jésus. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- \_\_\_\_\_. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: *Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultura e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 57- 86
- MORAES, Dênis de. A dialética das mídias globais. In: *Globalização, Mídia e Cultura*. Campo Grande: Letra Livre, 1997.
- MORAN, José Manuel. *Como utilizar a Internet na educação*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19651997000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000200006)>. Acesso em 4 de jun. 2009.
- NEVES, Delma Pessanha. Mediação social e mediadores políticos. In: *Desenvolvimento Social e mediadores políticos*. Rio Grande do Sul: UFRG, 2008, p.21-39.
- RAMONET, Ignácio. O poder midiático. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultura e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 243-252.